

04

**O FEMINISMO DE NÍSIA FLORESTA RETRATADO
N'A RAINHA DO IGNOTO, DE EMÍLIA FREITAS**

Ana Luzia Santana Rangel

*Recebido em 10 out 2022.**Aprovado em 03 fev 2023.***Ana Luzia Santana Rangel**

Mestranda em Literatura brasileira e teoria da literatura pelo Programa de pós-graduação em Estudos de literatura da Universidade Federal Fluminense.

Licenciada em Letras pela Universidade Federal Fluminense.

Graduada em Matemática – modalidade Informática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Especialista (MBA) em Gerenciamento de Projetos pela Universidade Veiga de Almeida.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1065739480183210>.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000.0002.7191.9933>.

E-mail: marana.rangel@hotmail.com.

Resumo: Publicado originalmente em 1899, o romance *A Rainha do Ignoto* (1899), de Emília Freitas (1855-1908), contando com apenas quatro edições: 2020, 2003 e 1980, é considerado um marco da literatura fantástica e da literatura feminista brasileira. A autora, abolicionista, educadora e republicana, dedicou-se à defesa das mulheres e lutou pelos ideais feministas numa sociedade fortemente patriarcal. Adicionalmente, Nísia Floresta (1810-1885), também educadora e feminista, publicou *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832), no qual discorre sobre a posição das mulheres na sociedade e como elas

realmente deveriam se perceber, de acordo com sua compreensão. Floresta reivindica educação, direito à formação profissional, direito ao trabalho no serviço público e um tratamento igualitário com relação aos homens. Este trabalho faz uma leitura da narrativa fantástica de Freitas ao mesmo tempo em que tem ciência dos apontamentos de Floresta, percebendo a influência do feminismo na narrativa.

Palavras-chave: Nísia Floresta. Emília Freitas. Narrativa fantástica. Feminismo. Educação.

Abstracts: Originally published in 1899, the novel *A Rainha do Ignoto* (1899), by Emília Freitas (1855-1908), with only four Editions: 2020, 2003 and 1980, is considered a land mark of fantastic literature and Brazilian feminist literature. The author, abolitionist, educator and republican, dedicated herself to the defense of women and fought for feminist ideals in a strongly patriarchal society. Additionally, Nísia Floresta (1810-1885), also an educator and feminist, published *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832), in which she discusses the position of women in society and how they should really perceive themselves, according to her understanding. Floresta claim seducation, theright to professional training, theright to work in the public service and equal treatment with men. This work makes a reading of Freitas' fantastic narrative while being aware of Floresta's notes, realizing the influence of feminism in the narrative.

Keywords: Nísia Floresta. Emília Freitas. Fantastic narrative. Feminism. Education.

INTRODUÇÃO

A crítica literária brasileira nem sempre destaca a literatura fantástica produzida no país. No caso das escritas femininas, há um apagamento ainda maior quando se trata deste gênero. No

entanto, o primeiro romance fantástico publicado no território brasileiro é de autoria feminina. No final do século XIX, a cearense Emília Freitas (1855-1908) publica *A rainha do Ignoto: romance psicológico*, em 1899.

Em 1899 publica o livro *Rainha do Ignoto* (sua obra mais conhecida), para alguns críticos literários, a citar Abelardo F. Montenegro é um romance psicológico, porque a própria autora assim define como um subtítulo, — romance psicológico. Contudo, a crítica atual considera um livro pioneiro na linha da literatura fantástica, devido a obra ter características de mistérios com fadas, bruxas, personagens fantasiosos e de espiritualidade mística. (ALMEIDA, 2012, p. 133)

Conhecida por seus ideais abolicionistas, Emília também se dedicou ao enfrentamento das violências contra a mulher e à ampliação da atuação feminina na vida da sociedade. Uma de suas ações foi a alfabetização de mulheres no horário noturno, na capital cearense. Naquele final de século, as escolas se organizavam com um turno masculino e outro feminino, sendo a educação feminina voltada para o cuidado da casa, marido e filhos. O seguinte trecho de Almeida (2012), aprofunda a visão do funcionamento de uma escola religiosa, obtida por meio da leitura do romance *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz:

Em *As Três Marias*, obra da cearense Rachel de Queiroz, que é o livro de memórias da personagem Maria Augusta, carinhosamente chamada de Guta, uma das “Três Marias”. A história tem início nos pátios e salas de aula do Colégio da Imaculada Conceição, escola interna, administrado por freiras, na capital cearense. Nesta obra temos informações do cotidiano escolar. Percebemos que a educação

era muito rígida e apesar de cederem vagas para as pessoas que não tinham recursos financeiros estudarem, essas eram discriminadas, tanto pelas irmãs de caridade como também por outras alunas. A educação era de caráter confessional, preparavam as moças ricas para serem casadoiras, e as alunas pobres para trabalharem nas casas de famílias ricas, pois a maioria dessas estudantes era órfã. (ALMEIDA, 2012, p. 81)

Anteriormente, na primeira metade do século XIX, uma outra escritora brasileira, Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), se lançou em defesa das mulheres e publicou *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, em 1832. A obra “é uma tradução livre e repleta de comentários de um livro feminista inglês” (VERRUMO, 2017, p. 123), cujo original poderia ser *A vindication of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft ou *Woman not inferior to man*, de Mary Wortley Montagu, inconclusão ainda não solucionada pelos historiadores. Num tom reivindicatório e até por vezes panfletário, Floresta expõe o que ela considera direitos das mulheres, comparando o que é esperado e permitido às mulheres de sua época com o que é destinado e realizado pelos homens. Atribui aos homens a falta de opções para as mulheres, o lugar social ocupado por elas, a submissão a elas imposta, o que define como injustiça. Para ela, os homens destinam a si todos os direitos, sejam eles de educação e atuação pública, sejam eles de liberdade de decisão sobre suas vidas e imprimem sobre elas severas negativas a qualquer tipo de desenvolvimento, considerando como justificativa uma menor capacidade cognitiva. Durante a obra, Floresta percorre áreas de atuação onde entende que há discriminação e discorre sobre os

motivos pelos quais entende que as mulheres são capacitadas para exercê-las em igualdade ou mesmo em superioridade, como afirma em: “seja-me somente permitido dizer, que por sermos mais capazes que os homens em desempenhar este cargo, não se segue que não possamos também desempenhar outro qualquer” (FLORESTA, 2016, p. 126). Corroborando as afirmações de Floresta, Almeida explicita como a sociedade de então se apresenta:

Registramos também que há no século XIX um discurso de inferioridade da mulher, tanto social como biológica, com o destaque do papel submisso da mulher. O sexo feminino, na literatura, principalmente no Romantismo, foi importante para a categoria de leitora, não havendo espaço para que as mulheres pudessem participar como escritoras. Para elas era reservado o papel de consumidora e da ideologia que o discurso masculino produzia sobre e para o público feminino. Quando as mulheres pensaram e tentaram escrever foram discriminadas e algumas usaram pseudônimos para não sofrerem represálias familiares e sociais. Outras foram corajosas, usaram o próprio nome, contudo, sofreram por essa ousadia. (ALMEIDA, 2012, p. 49)

Ou seja, “Através da sua obra, procurava levar para a sociedade e para o mundo, a capacidade que as mulheres têm de desenvolver seus valores. Inegavelmente, podemos considerá-la a precursora do movimento feminista” (VARELA, 2006, p. 18). No que se refere à literatura fantástica, algumas faces se apresentam. Atribui-se a Álvarez de Azevedo (1831-1852), com *Noites na taverna*, publicada postumamente em 1855, a fama de precursor das narrativas fantásticas no Brasil, mais especificamente do estilo gótico, na forma de uma sequência de contos, embora existam

autores pouco estudados que publicaram obras anteriores a esta. A referência se deve, portanto, ao fato da obra de Azevedo ter sido mais difundida. A influência vem precisamente do escritor alemão E. T. A. Hoffman (1776-1822), considerado responsável pela consolidação do fantástico na literatura mundial, que tem “O homem da areia”, de 1817, como seu conto mais conhecido. Mais tarde, Machado de Assis (1839-1908) traz a público contos góticos à semelhança da obra do francês Théophile Gautier (1811-1872), como “A causa secreta”, de 1885, e “Um esqueleto”, de 1875. Gautier foi um dos principais seguidores de Hoffman na França e foi considerado como um escritor impecável. O bruxo do Cosme Velho, no entanto, é muito mais conhecido por seus romances do que por seus contos, e inscreve seu *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881, no rol dos textos fantásticos ao criar um narrador que se declara um “defunto-autor”.

Uma consulta à antologia organizada por Flávio Moreira da Costa, *Os melhores contos fantásticos*, de 2016, composta por contos de quarenta e quatro escritores, exemplifica a dominação de obras fantásticas masculinas, pois apenas uma escritora, Mary Shelley (1797-1851), compõe o grupo, representada pelo conto “O imortal mortal”, porém mais conhecida pelo romance *Frankenstein*, de 1818. Em seu prefácio, Costa (2016) chama a atenção para a dificuldade de classificação das obras fantásticas, citando teóricos como Tzvetan Todorov, Irène Bessière, Eric Rabkin e Emir Rodríguez Monegal, que buscaram conceituar o gênero, destacando as diferenças entre o fantástico, o estranho e o maravilhoso, formuladas por Todorov, que, no entanto, “alerta para a impossibilidade da conceituação absoluta” (COSTA, 2016, p. 9).

No presente trabalho serão destacados trechos de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia Floresta, e da ficção de Emília Freitas, *A rainha do Ignoto*, duas obras de autoras feministas brasileiras, sendo a primeira responsável pela publicação de uma obra de caráter didático, enquanto a segunda opta por criar uma narrativa fantástica com características góticas.

UMA “TRADUÇÃO” COM NUANCES NACIONAIS

A obra *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de autoria de Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves, foi publicada em 1832. Floresta não apenas traduziu o texto original, mas registrou suas ideias considerando a realidade nacional, cuja subalternidade feminina muito a incomodava. A equidade de gêneros se constitui na principal mensagem, ainda que a palavra “gênero” seja posterior, o que mostra o olhar pioneiro da autora. Na obra, a autora fala em “sexo deles e o nosso”, referindo ao homem e à mulher, como no trecho: “Ainda que seja um dos maiores absurdos a extrema diferença que eles constituem entre o seu e o nosso sexo, todavia não há erro popular mais antigo e mais universalmente acreditado” (FLORESTA, 2016, p. 118). A obra se estabelece como uma antropofagia anterior ao modernismo devido ao modo como a escritora se envolve com a obra numa leitura ideológica, apoiada na realidade das mulheres brasileiras, em sua maioria submissas aos homens, sejam pais, irmãos ou maridos. Com relação a essa característica, Duarte salienta que:

[...] publicado em 1832 em Recife (PE), tem o sugestivo título de *Direitos das Mulheres e Injustiça*

dos Homens, e, quando surgiu, a 163 anos atrás, Nísia tinha apenas 22 anos e a grande maioria das mulheres brasileiras vivia enclausurada em preconceitos, sem qualquer direito que não fosse o de ceder e aquiescer sempre à vontade masculina. (DUARTE, 1997, p. 2)

No entanto, a crítica deixou sua obra na quase obscuridade, conforme Duarte, “Seu nome até hoje não costuma ser citado na história da Literatura Brasileira como escritora romântica e muito menos na História da Educação feminina, como educadora” (DUARTE, 1997, p. 1); uma mulher que além da literatura, foi responsável pela fundação de uma escola para meninas. Após a morte de seu marido e da instabilidade social no Rio Grande do Sul onde havia se estabelecido, decidiu se mudar: “o local escolhido para a residência da família foi a Corte, onde fundou o Colégio Augusto, dedicado à educação feminina” (CASTRO, 2010, p. 2), onde pode se dedicar ao que mais gostava:

Consideramos a fundação do Colégio Augusto, por sua inovação e pioneirismo, um momento de suma importância para a história da educação feminina no Brasil, pois, a partir do trabalho como educadora, Nísia teve a oportunidade de praticar aquilo que idealizava. Provavelmente por esse motivo, Nísia Floresta seja lembrada ainda hoje como precursora dos ideais feministas em nosso país. (CASTRO, 2010, p. 2)

Aos poucos, seu sonho começa a se tornar realidade, alimentado com o trabalho de educação realizado no Colégio Augusto: “[...] tinha principalmente um propósito: alterar o quadro ideológico vigente no que diz respeito ao comportamento das mulheres e, naturalmente, o dos homens seus contemporâneos”

(DUARTE, 1997, p. 2). Entretanto, não há consonância com a sociedade local, com explica Castro: “Sua produção literária levantou questões consideradas tabus por aquela sociedade, como a defesa dos direitos femininos. Tema incômodo, já que estamos tratando de uma sociedade patriarcal que negava à mulher o direito a qualquer tipo de ascensão social” (CASTRO, 2010, p. 3), que incluía um currículo voltado para áreas de ensino que não eram direcionadas às mulheres:

[...] sua proposta pedagógica inovadora permitia às meninas o aprendizado de ciências, até então reservado apenas aos meninos. Dentre as inovações, destacamos o ensino do latim, francês, italiano e inglês, com suas respectivas gramáticas e literaturas; o estudo da Geografia e História do Brasil; a prática de Educação Física e a limitação do número de alunas por turma, como forma de garantir a qualidade de ensino. (CASTRO, 2010, p. 4)

O currículo, portanto, foi elaborado com o objetivo de investir nos sonhos de Floresta, como quando se refere ao espanto que seria causado pela inserção da mulher na sociedade, de modo semelhante ao do homem, como no exemplo: “Nada seria tão admirável para eles, que imaginar uma mulher combatendo à frente de um exército, dando leis sobre o trono, advogando causas, administrando justiça em um Tribunal de magistratura” (FLORESTA, 2016, p. 144).

UMA FICÇÃO QUE RETRATA MULHERES FORTES E DETERMINADAS

Na narrativa *A rainha do Ignoto*, a protagonista, chamada de Funesta, Diana e de outros nomes, lidera um grupo de mulheres, as Paladinas, que agem em conjunto com ela, escondendo-se por

meio de hipnose nos momentos de ação, usando diversos tipos de disfarce. Conforme Almeida, “Emília Freitas nessa obra põe um modo diferente do comportamento humano. Há um mundo dominado por mulheres, que tiveram decepções e optaram por viverem sem o auxílio masculino” (ALMEIDA, 2012, p. 134). Vivem numa ilha na costa que não é avistada por qualquer outra embarcação. Seus navios e botes estão sempre encobertos por um nevoeiro. O fantástico surge desde o início, pois o forasteiro, Dr. Edmundo, é desaconselhado por locais quando manifesta interesse de descobrir quem é a mulher vestida de branco que ele acredita ter visto à noite. Um dos disfarces é aparecer como “filha obscura de um caçador” (FREITAS, 2020, p. 89), sob o nome de Diana.

A narrativa prossegue sem revelar a origem da “rainha”: “Até agora nenhuma das Paladinas do Nevoeiro, pois assim se chamam as do bando ou sociedade, pôde descobrir de quem descende esta mulher, onde aprendeu as ciências de que dispõe, as artes que utiliza” (FREITAS, 2020, p. 150).

E o fantástico prossegue na narrativa, já que, mesmo avisado pelos moradores da aldeia que não se sabe quem é a mulher e o que pretende, o recém-chegado parte em busca do mistério e descobre uma gruta onde aparentemente é a moradia da mulher. O caminho da gruta até o porto é longo e servido por uma estrada de ferro subterrânea. Apenas um homem, o Sr. Probo, é autorizado a entrar nos locais em que se encontram, pois desempenha o papel de capitão de navio, quando chega-se a um porto. A narrativa é conduzida a partir do interesse do advogado Dr. Edmundo, que chega à cidadezinha e vê a rainha entoando uma canção triste, a bordo de um bote, ladeada por um cão e uma criatura preta, de

longa cauda. Aquela cena o estimula a fazer incursões ao monte onde fica a gruta temida pelo povo, e logo “descobriu a entrada da gruta” (FREITAS, 2020, p. 52).

Personagens entristecidas, abandonadas por seus pretendentes, além de personagens como Henriqueta, que representa a mulher perfeitamente adaptada àquela cultura e da personagem Carlotinha, uma jovem sonhadora que acredita no amor e no casamento como a realização da felicidade. Há, então, uma bifurcação na narrativa, sendo a primeira parte voltada para os acontecimentos do vilarejo, ações das mães que pretendem conseguir um bom pretendente para suas filhas; as moças que se dedicam ao encontro de um bom marido, mas que valorizam a posição social; moças românticas; moças desiludidas que evitam as aparições sociais como forma de serem desejadas. Na segunda parte, a ação se dedica aos feitos das Paladinas, sob a liderança da rainha, no cumprimento de seus objetivos de libertação de mulheres submissas e correção de injustiças.

Como forma de relatar os feitos do grupo de mulheres, o enredo lança mão da inserção da personagem Dr. Edmundo no reino das Paladinas. Assim, o leitor passa a tomar parte do texto, conforme explica Todorov:

Somos assim transportados ao âmago do fantástico. Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são;

ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (TODOROV, 2017, p. 30)

Como não acredita nas intenções e disfarces da rainha, o Sr. Probo convence o Dr. Edmundo a entrar no reino, disfarçado de uma mulher protegida e muda, como forma de tentar descobrir o suposto segredo. Prontamente, saem em direção à gruta, com o objetivo de juntarem-se ao grupo das Paladinas.

O caminho para o reino é feito por meio de uma estrada de ferro subterrânea: “- Sim, doutor, é muito natural, pois a soberana do Ignoto não podia transpor tão depressa as cinco léguas que separam o porto de seu reino desta gruta sem ser por caminho de ferro” (FREITAS, 2020, p. 168).

De fato, se infiltram, mas ao Sr. Probo é permitido entrar e o Dr. Edmundo consegue por estar disfarçado. Acompanham, portanto, as ações do grupo, sendo assim a explicação de suas ações:

Dentro de três dias, partiremos para os assaltos do bem, vamos guerrear a injustiça, proteger o fraco contra o forte, entrar nos cárceres para curar os enfermos, lançar-nos às ondas para salvar os náufragos e atirar-nos aos incêndios para lhes arrebatarmos as vítimas! (FREITAS, 2020, p. 178)

As guerreiras são descritas como dotadas de qualidades como trabalho, coragem, intrepidez e sutileza, no cumprimento de suas especialidades, ou seja,

ali havia todos os postos do exército e da marinha dos países civilizados, com a diferença de que não eram ganhos nem por vilanias nem por inúteis derramamentos de sangue; se obtinha as promoções

enxugando lágrimas, salvando vidas, frustrando planos nocivos, e evitando crimes: era isso o que chamavam assaltos do bem. (FREITAS, 2020, p. 179)

A Rainha do Ignoto retrata uma sucessão de ações organizadas e desempenhadas por mulheres sob a liderança de sua rainha. Um paralelo com “*Direito das mulheres...*” permite a observação de cenas de injustiça dos homens. Freitas narra o caso, por exemplo, de uma pianista que vivia no reino do Nevoeiro: “A menina do piano chamava-se Helena, e já tinha quinze anos feitos; era um tipo ideal de beleza [...] uma leve sombra de tristeza, ou contraídos pela ironia” (FREITAS, 2020, p. 209), cuja dificuldade era “falta-lhe o nome que a sociedade egoísta mesma lhe roubou [...] receio que não seja feliz” (FREITAS, 2020, p. 209).

Num dos atendimentos da rainha em uma cidadezinha, criou um posto de atendimento e, usando de espiritismo, invocou um espírito que narrou o sofrimento de uma pobre moça: “Olhava muito para mim, e em uma manhã mandou-me um bilhetinho pela preta do leite; eu acreditei que ele me amava deveras e apaixonou-me loucamente” (FREITAS, 2020, p. 200), prosseguindo em seguida, após uma interrupção: “Frequentava a sociedade elevada; se formou, não precisava mais dos pequenos favores dos vizinhos; foi viajar sem nos dizer adeus” (FREITAS, 2020, p. 201).

A narrativa segue relatando casos que necessitam de ação. A soberana vai conduzindo as soluções, libertando mulheres ameaçadas, casais separados por algum mal ou injustiça. Buscando em Todorov,

acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo de toda a história, no fim recebem uma

explicação racional. Se esses acontecimentos por muito tempo levaram a personagem e o leitor a acreditar na intervenção do sobrenatural, é porque tinham um caráter insólito. A crítica tem descrito (e frequentemente condenado) esta variedade pela designação de 'sobrenatural explicado'. (TODOROV, 2017, p. 51)

Assim, Emília Freitas constrói uma narrativa cujas personagens enfrentam as submissões relatadas anteriormente pela feminista Nísia Floresta e, ao mesmo tempo, representa as mulheres como profissionais atuantes em algumas das ocupações exercidas exclusivamente por homens. No grupo das Paladinas há engenheiras, generalas, cientistas e outras, que habitam o navio, chamado Tufão, onde, dentre outras atividades, discutem as próximas ações: motivo, local, solução a ser implementada, forma de disfarce, papel a ser desempenhado por cada uma das equipes etc., um navio que não é avistado enquanto está no mar por permanecer envolto em um nevoeiro.

Em Todorov, surge a discussão acerca de seres sobrenaturais:

O outro grupo de elementos fantásticos prende-se à própria existência de seres sobrenaturais, tais quais o gênio e a princesa-mágica, e a seu poder sobre o destino dos homens. Ambos podem metamorfosear e metamorfosear-se; arrebatar ou deslocar seres e objetos no espaço etc. Estamos aqui diante de uma das constantes da literatura fantástica: a existência de seres sobrenaturais, mais poderosos que os homens. Entretanto, não basta constatar este fato, é preciso ainda se interrogar sobre sua significação. (TODOROV, 2017, p. 118)

Essa aparição do nevoeiro constitui uma das características das narrativas góticas europeias, que também eram compostas por

castelos com torres pontudas, árvores com aspecto fantasmagórico, presença do sótão. Portanto, em *A Rainha do Ignoto*, a presença do fantástico é encontrada durante todo o relato, como por exemplo, “não havia lugar algum onde a terra estivesse revolvida de fresco” (FREITAS, 2020, p.121), constatação do Dr. Edmundo quando visita o cemitério após o sepultamento de Virgínia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *A Rainha do Ignoto* suscita imediatamente a relação com o tema do feminismo. No entanto, ao se considerar o ano de sua publicação, 1899, uma questão se instaura: como as mulheres e a sociedade entendiam o feminismo no Brasil naquele período da história? O período foi marcado por um grande poder patriarcal, ainda oriundo do colonialismo. Meninos eram educados com o objetivo de se tornarem políticos e sucederem seus pais. Ficava destinada às meninas a dedicação às tarefas domésticas, criação dos filhos e total apoio aos maridos. A educação feminina, quando iniciou, era restrita a este tipo de trabalho, de forma submissa e coadjuvante. Foi somente com muita dedicação de algumas mulheres educadoras e ávidas pela obtenção de seus direitos que, aos poucos, ocorreram mudanças. Neste sentido, as ideias de líderes feministas, quando postas em circulação, proporcionaram o alargamento do pensamento, num círculo virtuoso. Como resultado, começaram a surgir obras narrativas baseadas nos ideais propostos, aproveitando a vantagem da ficção na disseminação de opiniões, fatos, conjecturas, possibilidades, enfim, caminhos possíveis poderiam ser vislumbrados. No caso estudado, uma narrativa fantástica onde o poder está com as mulheres, e que

dissemina propostas elaboradas pelas feministas da mesma época ou anteriores, contribui para o surgimento de possibilidade. Como afirma Schwartz,

o elemento extraordinário não se limita apenas a uma experiência de leitura prazerosa para efeitos de distração do leitor, mas assume uma função eminentemente crítica. Ou seja, o dado sobrenatural é um artifício da imaginação para remeter a conflitos originários da própria realidade. (SCHWARTZ, 1982, p. 101)

Configurando assim, a narrativa fantástica como uma poderosa ferramenta de difusão de ideias e instigação do pensamento crítico. Quando se lê uma obra fantástica, primeiramente põe-se a pensar no que aquilo significa, busca-se por algo semelhante no mundo real, se as personagens são reais, se os fatos parecem reais ou se estão diametralmente opostos, não podendo ser observados no mundo do leitor. Conforme Todorov, “pois o acontecimento sobrenatural modifica primeiro um equilíbrio prévio, segundo a própria definição da narrativa” (TODOROV, 2017, p. 174). Observa-se ainda as reações das personagens face aos acontecimentos e suas ações. Havendo ambientação gótica, instaura-se algum ponto de medo e o leitor posta-se mais atento. Observa sinais, detalhes, diálogos buscando orientar-se. Seu contato com a obra o obriga a fazer relações com seu mundo conhecido, e segundo Todorov, “O leitor e o herói, como vimos, devem decidir se tal acontecimento, tal fenômeno pertence à realidade ou ao imaginário, se é ou não real” (TODOROV, 2017, p. 175). Acompanhando *A Rainha do Ignoto: romance psicológico*, é natural a associação ao que defende o feminismo desde o século XIX, quando houve um

início de percepção da posição feminina na sociedade. Quando as famílias eram comandadas pelos homens, mas ideias de direitos femininos começavam a circular, ampliando-se aos poucos. Nesse sentido, a contribuição das educadoras foi fundamental, pois direcionavam seus questionamentos às estudantes e faziam com que considerassem o assunto, conforme:

Os homens não podendo negar que nós somos criaturas racionais, querem provar-nos a sua opinião absurda, e os tratamentos injustos que recebemos, por uma condescendência cega às suas vontades; eu espero, entretanto, que as mulheres de bom senso se empenharão em fazer conhecer que elas merecem um melhor tratamento e não se submeterão servilmente a um orgulho tão mal fundado. (FLORESTA, 2016, p. 127)

O pensamento se alastra e toma forma. A narrativa traz passagens que aciona o questionamento, como em: “um senhor, muito querido das moças. Ele fazia consistir a sua glória em apaixoná-las até a loucura, para depois atormentar-lhes o coração com desprezo e chascos que fazia delas na roda de amigos” (FREITAS, 2020, p. 295), o que faz uma moça refletir e se precaver, ou pelo menos, perceber o risco que corre não estando ciente de seu papel na sociedade, enquanto camada submissa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. *Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense-de 1862 a 1935*. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7585>. Acesso em: 09 out. 2022.
- CASTRO, Luciana Martins. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História*, v. 7, n. 10, 2010.

COSTA, Flávio Moreira da. *Os melhores contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta Brasileira Augusta: Pioneira do Feminismo Brasileiro-Séc. XIX. *Mulheres e literatura*, v. 1, 1997.

FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Natal: Fundação Ulysses Guimarães, 2016. Disponível em: <http://fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/2022/08/Nisia-Floresta-Completo.pdf>. Acesso em: 07 out. 2022.

FREITAS, Emília. *A rainha do Ignoto*. São Caetano do Sul: Editora Wish, 2020.

RUBIÃO, Murilo. *Literatura comentada*. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico, organizados por Jorge Schwartz. São Paulo: abril, 1982.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VARELA, Lêda. Prefácio. In: VARELA, Lêda. *Nísia Floresta: uma mulher à frente do seu tempo*. Mercado Cultural, p. 17-19, 2006.

VERRUMO, Marcel. *História bizarra da literatura brasileira*. São Paulo: Planeta, 2017.